

O GAÚCHO, A CHINA E A MOROCHA: LINGUAGEM, IDENTIDADE, GÊNERO E RAÇA NO CONTEXTO FRONTEIRIÇO

Felipe Rodrigues Echevarria

felipe230285@hotmail.com

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Brasil

Resumo

Neste artigo, reflito sobre a relação das fronteiras com a *linguagem gauchesca* e com a identidade do sujeito *gaúcho*. Este, ao transitar pela Argentina e pelo Uruguai, trouxe desses lugares uma série de palavras que foram incorporadas à sua linguagem. Na perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), realizo uma análise dos verbetes *gaúcho*, *china* e *morocho*, recortados do *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* (1996), destacando a relação destes com o espanhol platino e com questões sócio-históricas, como também com questões de gênero e de raça.

Palavras-chave: Fronteira/s, Gaúcho, História das Ideias Linguísticas, Regionalismo, Rio Grande do Sul

THE GAÚCHO, THE CHINA, AND THE MOROCHA: LANGUAGE, IDENTITY, GENDER, AND RACE IN THE BORDER CONTEXT

Abstract

In this article, I reflect on the relationship between borders, *gaucho language*, and the identity of the *gaucho* subject. As *gauchos* traveled through Argentina and Uruguay, they brought back a range of words that were incorporated into their language. From the perspective of the History of Linguistic Ideas (HLI), I analyze the entries *gaúcho*, *china*, and *morocho* from the *Dictionary of Regionalisms of Rio Grande do Sul* (1996), highlighting their connections to River Plate Spanish, socio-historical issues, and matters of gender and race.

Keywords: Border/s, Gaucho, History of Linguistic Ideas, Regionalism, Rio Grande do Sul

Considerações iniciais

Yo no sé de dónde soy, mi casa está en la frontera, y las fronteras se mueven como las banderas (Frontera, 1999, 20 s)

Entre os elementos que compõem a identidade do sujeito gaúcho, como a Literatura, a indumentária, a Música, a linguagem e as fronteiras com Argentina e Uruguai, estes dois últimos têm sido o escopo de minhas pesquisas, resultando em minha tese de doutorado¹ e em artigos científicos. No presente trabalho, apresento reflexões sobre como as fronteiras interferem na linguagem e no processo de formação da identidade gaúcha.

A linguagem, de acordo com Benveniste (2005), é a mais poderosa ferramenta de comunicação usada entre os homens, tendo um papel significativo na identidade de um sujeito ou de um grupo de sujeitos. Nesse sentido, no decorrer deste artigo, discorro sobre o que é a *linguagem gauchesca* e a relevância desta na identidade dos gaúchos, visto que compartilhar uma mesma linguagem faz com que sujeitos se sintam pertencentes a um determinado grupo social, reforçando, assim, sua identidade e pertencimento. Essa linguagem tem sido registrada em vocabulários e dicionários de cunho regionalista. Sob a perspectiva teórica da História das Ideias Linguísticas (HIL), dicionários, por meio de seus verbetes, dão indícios do modo de pensar da sociedade. Os dicionários regionalistas, por sua vez, apresentam palavras, dizeres e expressões características de uma determinada região, como é o caso dos dicionários regionalistas do Rio Grande do Sul.

Em meu gesto de análise, referente à *linguagem gauchesca*, investigo os verbetes *gaúcho*, *china* e *morocha*, recortados do *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, publicado pela primeira vez em 1982 pelos irmãos Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes. Os verbetes analisados apresentam, por meio de suas definições, aspectos históricos, sociais e culturais do estado. Neles, posso observar o modo como as definições que os constituem são atravessadas por questões socioculturais e históricas, bem como de gênero e de raça.

O *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* foi escolhido devido à familiaridade que tenho com ele, uma vez que foi o objeto de estudo de minha tese de doutorado. Trata-se de um dicionário regionalista que registra palavras e expressões que constituem a *linguagem gauchesca*. Essas palavras podem ser incompreensíveis para sujeitos que habitam outros estados e regiões do Brasil, nesse sentido, o dicionário produzido pelos irmãos Nunes pode sanar dúvidas quanto ao significado dessas palavras. Algumas delas, como *china* e *morocha*, são provenientes do espanhol platino, o que demonstra a relevância das fronteiras com Argentina e Uruguai nas práticas socioculturais e linguísticas dos gaúchos.

Portanto, este artigo é interdisciplinar, pois apresento uma articulação entre Linguística e História, que dialogam ainda com outros campos do saber, tais como: os estudos de gênero e de raça. Ao considerar a História como elemento constitutivo da linguagem, compreendo que determinados contextos históricos, sociais e culturais possuem uma relação direta com as palavras e com os sujeitos. No caso deste trabalho, reflito como essa relação funciona no contexto fronteiriço do Rio Grande do Sul e suas divisas com Argentina e Uruguai, tomando as fronteiras como um espaço constituído por fusões culturais e linguísticas.

Formação do sujeito gaúcho: de marginal a herói no contexto da fronteira

No contexto sócio-histórico do Rio Grande do Sul, construiu-se socialmente o sujeito gaúcho enquanto tipo social. Segundo Flores (2019), o pampa, que abrange parte da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, era o lugar onde abrigavam-se os *gaúchos* ou *gaudérios*, grupo formado por indígenas, negros, espanhóis e portugueses. Esses homens eram marginalizados pela sociedade latifundiária, visto que representavam um perigo para ela por serem considerados criminosos. Ainda para o autor, duas correntes distintas produzem conhecimentos sobre a origem do gaúcho. Uma dessas correntes é histórica e se baseia em documentos e em relatos de viajantes que passaram pelo estado. A segunda corrente é de viés mítico, na qual a figura do gaúcho foi romantizada por meio de produções literárias, sobretudo a partir do século XIX. Dessa forma, criou-se e reforçou-se a imagem do sujeito gaúcho como herói e corajoso.

Além do pampa, as fronteiras com Argentina e Uruguai também formam um elemento significativo na formação do tipo social gaúcho. As regiões fronteiriças são favoráveis a trocas culturais e sociais, de modo que, para Leenhardt (2002), são um ponto de intersecção entre Argentina, Brasil e Uruguai, gerando um ambiente propício a contatos, negociações e espaços compartilhados. Viver nesse território, para Hartmann (2011, p. 190), constrói uma “identidade fronteiriça”, a qual é mais impactada pelo contexto fronteiriço e regional do que pelo próprio contexto nacional. Sob essa ótica, é importante levar em consideração não apenas os aspectos geográficos, mas também diversos outros elementos que compõem as fronteiras, como afirma Rodrigues (2021, p. 78):

[...] as fronteiras vão além do físico, do material, mas também podem ser simbólicas, oriundas de um imaginário social. Pode-se falar em fronteiras econômicas, políticas, sociais, culturais, linguísticas, assim como entendê-las não apenas como um espaço limite entre Estados-Nação, mas como uma construção sócio-histórica entre os grupos sociais que habitam esses espaços.

As fronteiras do Rio Grande do Sul com os países platinos não são um lugar meramente geográfico, são um espaço complexo onde sujeitos compartilham costumes, o que deixa marcas nas práticas socioculturais e languageiras. De acordo com Sturza (2006a, p. 26):

[...] a Fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Os limites cartográficos são referências simbólicas que significam a fronteira através de um marco físico, embora a vida da fronteira, o habitar a fronteira signifique, para quem nela vive, muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações.

Esse espaço é marcado por línguas que entram em contato – português e espanhol –, originando o *portunhol* (Sturza; Bratz, 2024). As fronteiras, portanto, têm influência direta na identidade do gaúcho brasileiro que, com suas idiossincrasias, se diferencia dos habitantes de outras regiões do Brasil. Nesse panorama, de acordo com Oliven (2006), a proximidade com Argentina e Uruguai faz com que muitos gaúchos se sintam mais identificados com a cultura desses dois países do que com o próprio Brasil. O autor explica que:

Os rio-grandenses consideram-se brasileiros por opção e gostam de frisar sua individualidade em relação ao resto do Brasil. Na construção social de sua identidade eles usam elementos fazendo referência a um passado glorioso dominado pela figura do *gaúcho*, palavra que inicialmente designava o vagabundo e o ladrão de gado, mais tarde o peão de instância e guerreiro sempre associado à figura do cavaleiro, e que atualmente é o patromínico para o habitante do estado do Rio Grande do Sul (Oliven, 2006, p. 10, grifos do autor).

Na atual concepção do que é ser gaúcho, conforme Leal (2021), incorporam-se questões de gênero, classe, ocupação, entre outras. Para os próprios gaúchos, ser gaúcho é pertencer ao sexo masculino, além de demonstrar habilidades com as lidas do campo e com o pastoreio de gado, cavalos e ovelhas. Sendo assim, a identidade gaúcha se centra na masculinidade, pois, segundo a autora,

Ser gaúcho é ser homem. O argumento central deste estudo sobre o homem gaúcho nos pampas é que ambos, a cultura e a identidade gaúchas – de fato, todo um sistema simbólico – são constituídas tendo o homem como referência central, o homem e tudo

aquilo que lhe diga respeito em seu cotidiano e seu modo de vida, que, por sua vez, tem como eixo semântico sua corporalidade, sua virilidade (Leal, 2021, p. 191).

Diante do exposto, entendo que a identidade do gaúcho é resultado de um processo histórico. Em um momento inicial, o sujeito gaúcho era tido como ladrão e vagabundo, posteriormente, a partir do século XIX, passou a ser um herói, representante do extremo sul do Brasil, reconhecido por sua virilidade e valentia. Esse processo, conseqüentemente, se significa na linguagem, pois as definições do verbete *gaúcho*, que serão analisadas neste trabalho, exaltam as qualidades do gaúcho ao mesmo tempo que admitem os sentidos negativos relacionados a esse sujeito no passado.

Sendo assim, uma série de fatores compõe a identidade do gaúcho, tais como: a Literatura, a Música, a Indumentária e o contexto fronteiriço, como já discuti. Fazer parte de um grupo requer compartilhar os mesmos hábitos e colocar em funcionamento uma determinada linguagem, conforme apontarei a seguir.

Linguagem: (re)conhecendo a si mesmo e a outros sujeitos

A linguagem é um elemento essencial e significativo *da e na* sociedade. Para Benveniste (2005, p. 13, grifos do autor), a linguagem é “uma das nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do *mundo da significação*) de um povo e das distinções ou divisões que aí se praticam”. Com base nos apontamentos do linguista, compreendo que é inconcebível pensar o homem (sujeito) dissociado da linguagem. Por meio desta, o sujeito reconhece a si mesmo como sujeito, reconhece o *outro*, coloca a linguagem em funcionamento para interagir com esse *outro* e, conseqüentemente, acaba por saber mais sobre o *outro* e sua cultura. Ainda conforme o autor, a linguagem é o ponto de interação “da vida mental e da vida cultural” (Benveniste, 2005, p. 17). A sociedade se organiza e se torna possível pela linguagem, pois ambas estão diretamente ligadas e são indissociáveis. Nesse viés, Flores et al. (2022, p. 152) afirmam que “o homem é homem porque tem linguagem. Opor o homem à linguagem é opô-lo à sua própria natureza. A linguagem é condição do homem que nela está sob a forma de subjetividade”. Em outras palavras, a linguagem possibilita que o homem se reconheça como sujeito e passe a viver em sociedade.

Na relação da linguagem com a identidade, uma é intrínseca a outra. Falar e colocar em funcionamento uma determinada linguagem característica de uma região específica faz com que os sujeitos habitantes dessa região se sintam pertencentes a ela. No caso do Rio Grande do Sul, há a *linguagem gauchesca*, à qual Laytano (1981) se refere como “linguagem do gaúcho” (p. 24) e “linguagem do Rio Grande” (p. 96).

Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes assim definem *linguagem gauchesca* no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*:

LINGUAGEM GAUCHESCA, s. Português falado pelos gaúchos da zona pastoril do Rio Grande do Sul, ao qual se agregaram elementos uruguaios, argentinos, paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas, araucanos, áfricos e de várias procedências. (V. Poesia Gauchesca). (Nunes; Nunes, 1996, p. 266).

Proponho algumas reflexões acerca da *linguagem gauchesca* e da forma como ela foi definida no dicionário. A esse respeito, Petri (2009, p. 30-31) apresenta as seguintes considerações:

[...] a presença do substantivo linguagem sendo determinado pelo adjetivo gauchesca, definido como o que é relativo ao gaúcho. A utilização de linguagem, numa concepção geral e abrangente, aqui tem, pelo menos, dois funcionamentos na produção dos sentidos: a) ao dizer linguagem não se está dizendo nem língua (o que poderia remeter à nação, ao povo, bem como à gramática, à bandeira), nem se está dizendo dialeto (o que se poderia remeter à variedade regional, parte de uma outra língua); b) linguagem remete à comunicação, a vocabulário, embora possa remeter também ao que é próprio de um indivíduo ou de um grupo social, sobretudo se estiver na forma escrita.

Nas definições de *linguagem gauchesca*, admitem-se os elementos uruguaios e argentinos agregados a essa linguagem, ou seja, a presença do espanhol platino. Para autores como Callage (1928) e Laytano (1981), o espanhol oriundo da Argentina e do Uruguai exerce uma grande influência linguística no português falado pelos sul-rio-grandenses. Devido à fronteira com esses dois países, por séculos, os gaúchos brasileiros transitavam pela Argentina e pelo Uruguai, trazendo dos países vizinhos uma série de palavras, dizeres e expressões que foram incorporados à *linguagem gauchesca*. Nesse aspecto, Laytano (1981, p. 49) afirma que: “A influência espanhola, vinda pelo Rio da Prata, no linguajar do gaúcho brasileiro, é uma consequência sociológica, não só de áreas comuns, fronteiras geográficas e tipo idêntico de atividades econômicas, mas de relações humanas e históricas muito intensas”.

A *linguagem gauchesca* é formada também, ainda segundo Callage (1928) e Laytano (1981), por elementos do português açoriano, de línguas indígenas e, conforme este último autor,

pelas línguas africanas. Nessa linguagem, estão presentes um grupo de léxico proveniente de outros lugares e outras línguas, como é o caso do espanhol platino, além de dizeres e expressões que recuperam e fazem a manutenção de uma memória regional. A linguagem, desse modo, “estabelece um elo de pertença do sujeito ao seu espaço de vivência e convivência que, em se tratando das zonas de fronteira, tem suas especificidades” (Sturza, 2019, p. 98). Já nas palavras de Tatsch (2013, p. 219, grifos meus), “a *linguagem gauchesca* se significa na linguagem de uma cultura, de um modo de ser e viver, de uma produção cultural com gêneros e estilos próprios que produz um efeito de sentido que fortalece a figura tradicional do gaúcho”.

Portanto, a linguagem exerce um papel fundamental na construção de uma identidade regional. Sujeitos que habitam uma determinada região mobilizam uma mesma linguagem; no caso do Rio Grande do Sul, a linguagem dita *gauchesca*, uma variedade da Língua Portuguesa. A manutenção dessa linguagem que, por sua vez, retoma uma memória histórica é realizada nos dicionários regionalistas, que registram palavras características do falar regional dos gaúchos.

História das Ideias Linguísticas: os dicionários analisados pela ótica da Linguística em diálogo com a História

A História das Ideias Linguísticas (HIL) é um campo de estudos surgido no Brasil na década de 1980. Pesquisadores filiados à HIL produzem, desde então, conhecimento científico acerca de instrumentos linguísticos, tais como gramáticas e dicionários, que, segundo Auroux (2014, p. 65), “são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico”. Por meio desses instrumentos, é possível aprender e ensinar uma língua. Meu olhar recai mais especificamente sobre os dicionários, materialidades linguísticas as quais, além de possuírem funções didáticas e pedagógicas – pois possibilitam sanar dúvidas acerca dos significados das palavras, ortografia etc. –, também proporcionam um considerável material de estudos sobre a relação das palavras com a História. Cada verbete que consta em um dicionário está imbuído de historicidade, cabe ao investigador, ao realizar uma análise histórico-lingüística sobre esse instrumento, promover um trabalho interdisciplinar, no qual a Linguística estabelece uma sólida e direta relação com a História, as Ciências Sociais e outros campos do saber.

A partir da década de 1970, conforme Nunes (2006, p. 1031, grifos do autor), os dicionários populares, como o próprio nome revela, dão conta de registrar uma “*linguagem popular*, em oposição a *língua erudita*”. Neles, consta a linguagem popular falada por sujeitos que habitam determinadas regiões do Brasil e que, por vezes, são considerados rústicos e menos letrados por habitarem o campo. Entretanto, isso não impede que sejam originais em seus modos de falar, rompendo com a língua padrão, o que requer criatividade para criar novas formas de

linguagem.

No que tange aos dicionários regionalistas do Rio Grande do Sul, neles se encontram palavras mobilizadas pelos sujeitos gaúchos e essas palavras constituem a *linguagem gauchesca*. De acordo com Petri (2012, p. 30), “trata-se de um lugar onde estão formalizados os sentidos correntes mobilizados pelos falantes daquela região, remetendo-nos a uma outra época, ao ‘imaginário de passado glorioso’”. Desse modo, os sujeitos sul-rio-grandenses encontram nos dicionários regionalistas um registro do seu falar coloquial, o qual, muitas vezes, destoa da norma padrão da Língua Portuguesa registrada nos dicionários nacionais.

No século XIX, houve uma intensa produção cultural, artística e intelectual no Rio Grande do Sul, na qual buscava-se resgatar o passado glorioso do sujeito gaúcho. Várias publicações por parte de intelectuais sul-rio-grandenses exaltavam as qualidades do gaúcho enquanto tipo social. Obras literárias, livros de História, vocabulários e dicionários eram produzidos com o intuito de fornecer conhecimento sobre o sujeito gaúcho e suas características socioculturais e linguísticas. Nesse contexto, Sturza (2006b, p. 104) evidencia que:

Historicamente, as divisões políticas que se acentuaram com a Revolução Farroupilha fizeram surgir, pelo menos para os separatistas, um sentimento de não pertencimento ao Estado nacional brasileiro. Esse sentimento dá vazão a uma produção cultural intensa no final do Século XIX. Neste momento, há uma significativa produção literária de cunho regional, movimentos de valorização de tradições e costumes, estudos históricos e o início dos estudos linguísticos sobre o Dialeto Gaúcho.

Entre os intelectuais que se dedicaram a produzir saberes linguísticos sobre a *linguagem gauchesca*, enfatizo Antônio Álvares Pereira Coruja, Romaguera Corrêa, Roque Callage e Luiz Carlos de Moraes. Esses autores serviram de inspiração e fonte para os irmãos Nunes na produção do *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Trata-se de um instrumento linguístico que levou duas décadas para ser produzido, concretizando anos de coleta de verbetes e de produção intelectual realizada por Zeno e Rui. Esse dicionário contempla palavras características da *linguagem gauchesca*, tais como: *guasca*, *guri*, *piá* etc. Elas são registradas em forma de verbetes, que, conforme discuti anteriormente, apresentam definições por meio das quais é possível presumir como se estrutura a sociedade gaúcha.

Análise dos verbetes *gaúcho*, *china* e *morocha*: a História contada por meio das palavras

A análise do verbe *gaúcho* está pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da HIL. Nessa

perspectiva, retomando o que já afirmei, analisar um dicionário e os verbetes que constam nele requer um diálogo com a História e os estudos de gênero e de raça. Isso resulta em um trabalho interdisciplinar, pois as palavras e suas definições refletem o modo de pensar da sociedade.

Quanto ao gesto de *definir* verbetes, compreendo que o ato de *definir* um determinado sujeito nos dicionários consiste em enunciar sobre ele, dar-lhe características, agregar-lhe valores. As definições são compostas por adjetivos e/ou enunciados que revelam quem é esse sujeito e a posição que ele ocupa em uma determinada esfera social e em uma determinada conjuntura histórica.

Ao verbete *gaúcho*, são dedicadas 17 páginas no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Selecionei algumas definições que, a meu ver, sintetizam a ideia de quem é este sujeito nomeado *gaúcho*:

GAÚCHO, s. e adj. Habitante do Rio Grande do Sul. || Habitante do Interior do Rio Grande, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lides campeiras. || Habitante da Argentina e do Uruguai, da região de campanha, com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses. || Primitivamente: Changador, gaudério, ladrão, contrabandista, vagabundo, coureador, desregrado, andejo. Índio ou mestiço, maltrapilho, sem domicílio certo, que andava, de estância em estância, trabalhando em serviços que fossem executados a cavalo. || Remanescentes de tribus guerreiras que habitavam a Argentina, o Uruguai e o Rio Grande do Sul, às vezes amestiçados com portugueses, espanhóis, nômades, hábeis cavaleiros, extremamente valentes, desprendidos de tudo, inclusive da vida, valorosos, leais, hospitaleiros, ocupados alguns com as lides da vida primitiva, outros com roubo de gado ou contrabando, e outros, ainda, a maioria transitoriamente, com a vida militar em que exerciam funções de bombeiros, de chasques, de arrebanhadores de gado e de cavalos, de vaqueanos, de isca para o inimigo, ocupando postos que variavam de soldado raso a general [...] (Nunes; Nunes, 1996, p. 211).

Gaúcho é definido por expressões, tais como: “Habitante do Rio Grande do Sul”, “valorosos”, “leais”, entre outras, ou seja, é reescriturado por meio dessas palavras e expressões. O conceito de *reescrituração*, conforme o linguista Eduardo Guimarães (2005, 2018), refere-se ao processo no qual uma palavra ou expressão é substituída por outra dentro de um mesmo texto ou enunciado, formando, desse modo, uma rede semântica dinâmica. Esse conceito é fundamental para a compreensão de como uma palavra estabelece relações com outras palavras, formando um campo semântico de significados que podem ser depreciativos ou não.

Das definições apresentadas, destaco os seguintes pontos: inicialmente, consta o lugar onde habita e os valores positivos associados ao sujeito gaúcho, para, posteriormente, haver o reconhecimento dos valores negativos que, em outrora, eram relacionados a esse sujeito. O primeiro gesto dos irmãos Nunes é aclarar logo na primeira definição que *gaúcho* é o “habitante do Rio Grande do Sul”, ou seja, aquele tipo social que foi escolhido para representar o estado. Para Oliven (2010, p. 15), houve uma construção social e histórica na qual “o gaúcho, o cavaleiro e peão da estância da região da Campanha, localizada no sudoeste do estado e fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai” foi promovido a representante do estado, ainda que o Rio Grande do Sul seja composto por diferentes regiões e grupos étnicos e sociais. A Argentina e o Uruguai são mencionados nas definições do verbete como lugares também habitados pelo gaúcho: “Remanescentes de tribus guerreiras que habitavam a Argentina, o Uruguai”.

Qualidades como “perfeito conhecedor das lides campeiras”, “hábeis cavaleiros” e “extremamente valentes”, além de fazerem menção a um passado glorioso, dialogam com as questões de *gênero* e *masculinidade*. Estudiosos de gênero, como Butler (2003), convergem para uma mesma perspectiva, de que o gênero é resultado de uma construção social, perpassando diversas instituições, tais como a Igreja e o Estado. No âmbito da linguagem, esta demarca as diferenciações entre os gêneros por meio de adjetivos associados ao gênero masculino e ao gênero feminino. Em relação a este último, atribui-se às meninas adjetivos como “carinhosa, delicada, meiga” (Louro, 1999, p. 67). No que tange à construção social do gênero masculino, valores como a virilidade e a valentia são historicamente relacionados aos homens. Nesse aspecto, conforme Novaes (2013, p. 360), “Nos séculos XVIII, XIX e parte do século XX, inúmeras características tidas como positivas, a exemplo da valentia, firmeza, inteligência, imponência, foram associadas ao ser masculino e vistas como qualidades sobre as quais a própria sociedade se autoprojetava”.

Essa afirmação vem ao encontro da definição “extremamente valentes” referente ao verbete *gaúcho*, na qual a valentia é destacada. Estudos realizados por autores como Nolasco (1993) e Luco (2001) apontam que qualidades como valentia, coragem, bravura e virilidade fazem parte da construção social do que é ser homem, visto que os homens são criados sob a *lógica da guerra*, lógica essa que os prepara desde cedo para o combate. Nesse panorama, pertencer ao sexo masculino implica adotar determinados comportamentos, nos quais demonstrações de violência são permitidas e manifestações de afeto são censuradas, pois são consideradas sinais de fraqueza. Em um contexto regional, segundo Chaves (2010, p. 39), “no imaginário coletivo, permaneceu, entretanto, a idealização: o gaúcho heroico e libertário, macho viril, sempre pronto a desfraldar o gesto de coragem em meio a combates infalíveis”. Esse

imaginário ganhou força no final do século XIX, conforme já discuti, conseqüentemente, aparece nas definições do verbete *gaúcho*.

Na segunda definição de *gaúcho*, os irmãos Nunes mencionam as qualidades depreciativas que, no passado, foram associadas ao sujeito gaúcho: “Primitivamente: Changador, gaudério, ladrão, contrabandista, vagabundo, coureador, desregrado, andejo. Índio ou mestiço, maltrapilho, sem domicílio certo”. Ao fazê-lo, logo após o uso do advérbio *primitivamente*, parecem admitir os valores insultuosos atribuídos aos habitantes do Rio Grande do Sul até o fim do século XIX, visto que nesse período a palavra *gaúcho* era sinônimo de *contrabandista e fora da lei* (Meyer, 1960).

Conforme observei nas reflexões acerca da identidade do sujeito gaúcho, gaúchos eram considerados, em um primeiro momento, vagabundos e ladrões de gado, até que a palavra *gaúcho* passou a ser sinônimo de habitante do Rio Grande do Sul e, desde então, relacionada a valores como virilidade e coragem. Isso, conseqüentemente, se significa nos dicionários regionalistas e indica que a palavra sofreu um processo de trajetória semântica, no qual sentidos negativos são silenciados para darem lugar a qualidades e virtudes.

A análise da palavra *gaúcho*, tendo a História das Ideias Linguísticas, a História e os estudos de gênero como pressupostos teóricos e analíticos, demonstra como essa palavra está constituída por historicidade. Ao mesmo tempo, define o sujeito que habita o Rio Grande do Sul, independentemente se reside no meio rural ou urbano. Os enunciados que compõem o verbete *gaúcho*, juntamente com os adjetivos, recuperam uma determinada memória referente ao sujeito sul-rio-grandense, bem como retomam saberes e dizeres produzidos por autores que publicaram trabalhos significativos no final do século XIX e início do século XX sobre a *linguagem gauchesca*. Tanto o verbete quanto o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* constituem a manutenção não somente dessa linguagem como também da construção sócio-histórica do sujeito gaúcho, já que no século XX temia-se que essa construção fosse apagada, pois, no Brasil, consumia-se a produção cultural e artística estadunidense – música, cinema, publicidade etc. – de forma considerável. Atentos a essas questões, intelectuais gaúchos fundaram Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), uma maneira de resgatar a versão romantizada e idealizada do gaúcho enquanto tipo social, antes que este caísse no esquecimento (Cortes, 1994).

Ao contrário de *gaúcho*, que apresenta uma grande quantidade de definições, a palavra *china* é assim definida, de forma mais breve:

CHINA, s. Descendente ou mulher de índio, ou pessoa do sexo feminino que apresenta

alguns dos característicos étnicos das mulheres indígenas. || Cabocla, mulher morena.
|| Mulher de vida fácil. || (Parece provir do quíchua, xina, que significa aia) (p. 114).

Fonte: Elaboração própria.

Ao usar o dispositivo metodológico da *reescrituração*, constato que *china* é reescriturada por expressões e palavras como “descendente ou mulher de índio”, “mulher morena” e “mulher de vida fácil”. Estas apontam os significados depreciativos associados às mulheres indígenas, formando uma rede semântica repleta de estigmas no que tange ao gênero e à etnia. Para entender como essa rede se forma, é necessário um diálogo com a Antropologia e com as Ciências Sociais. Desse modo, conforme Brum (2010), *china* possui uma relação com o espanhol platino, pois *china*, em Língua Espanhola, significa o país *China* e também *chinesa*, as mulheres nascidas nesse país.

No século XIX, as mulheres indígenas passaram a ser chamadas de *chinas* no Rio Grande do Sul por serem consideradas semelhantes às chinesas em termos de aparência: olhos “puxados” e cabelos lisos. Essas mulheres, ao contrário das *prendas*, que representavam o recato das mulheres gaúchas, eram consideradas despudoradas e prostitutas, uma vez que performavam como amantes passageiras dos homens gaúchos. Desde então, a palavra *china* é usada para referir-se depreciativamente às mulheres relacionadas à prostituição.

A palavra *morocha*, por sua vez, oriunda do espanhol platino², tem as seguintes definições:

MOROCHA, s. Moça morena, mestiça, mulata, rapariga da campanha (p. 316).

Fonte: Elaboração própria.

Dessas definições, centro-me em *mulata* e *morena*, que são também formas de reescrever *morocha*. O verbete é atravessado por questões raciais evidentes na definição/reescrituração *mulata*. Conforme Munanga (2020), *mulato* significa o sujeito nascido da união entre um homem negro e uma mulher branca, ou vice-versa. Com o tempo, a palavra passou a ser associada a uma série de conotações depreciativas.

Mulata carrega uma carga semântica negativa. Em primeiro lugar, segundo Silva (2018), devido à etimologia da palavra, já que deriva do latim *mulus*, que significa *mula*, resultado de um cruzamento entre o asno e a égua. O termo *mulato(a)* passou a ser usado na América hispânica durante o século XVI para designar esse animal considerado de uma raça inferior. E em segundo lugar, pelo fato das mulheres mulatas, assim como as mulheres negras, no período

colonial do Brasil, com o advento da escravidão, terem sido submetidas a toda sorte de violência por parte de seus senhores brancos, pois seus corpos eram vistos como hipersexualizados e como se estivessem sempre à disposição desses senhores. A carga semântica negativa da palavra *mulata* aponta os estereótipos racistas relacionados às mulheres mulatas, contribuindo para a marginalização dessas mulheres ao longo de séculos na sociedade.

Morena, outra definição de *china* e de *morocha*, é associada, muitas vezes, a atributos de sensualidade e exotismo. De acordo com Piscitelli (2013), a palavra “morena” tornou-se sinônimo de “brasileira” na Europa, continente em que muitas mulheres brasileiras trabalham no mercado do sexo. Nesse contexto, a “cor morena” relacionada às brasileiras perpetua preconceitos que as atribuem à prostituição e a uma suposta hipersexualização.

Um exemplo da palavra *morocha* funcionando de forma depreciativa é a canção homônima lançada em 1984, interpretada por Davi Menezes Jr. na 4ª edição do festival *Coxilha Nativista*, realizado em Cruz Alta, Rio Grande do Sul. O machismo e o racismo estão presentes na letra de *Morocha*, o que me provoca a futuramente escrever um artigo que objetive fazer uma análise da letra dessa canção. Em suma: a letra apresenta um sujeito machista, visto que o eu lírico da canção exerce uma relação de dominação sobre a *morocha* (Reichelt, 2019).

A análise dos verbetes *gaúcho*, *china* e *morocha*, portanto, aponta os modos como as definições desses sujeitos no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* trazem à baila questões referentes a hierarquias e hegemonias na sociedade gaúcha. Nessa perspectiva, Echevarria (2022, p. 208, grifos do autor) acrescenta que:

Verbetes como *gaúcho*, *china*, *machorra*, *morocha*, dentre outros, ao descreverem, definem assim como nomeiam sujeitos pertencentes a uma sociedade regional, neste caso, a gaúcha. Suas definições produzem significados que, por sua vez, se representam nessa sociedade, ou seja, quais são seus papéis político, social e cultural? Definir um sujeito é, dessa forma, categorizá-lo, “etiquetá-lo”, “rotulá-lo”, dizer qual a relevância do papel que performa socialmente.

As palavras *china* e *morocha*, ao mesmo tempo que provêm do espanhol platino, ou seja, são atravessadas pelas questões socioculturais fronteiriças, transcendem as fronteiras do regional e estabelecem relações com a história nacional das mulheres indígenas e das mulheres negras/mulatas. São exemplos de palavras que retratam a visão hierárquica e patriarcal em contextos fronteiriços, como é o caso do Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A identidade do gaúcho brasileiro é marcada por suas idiossincrasias, que envolvem elementos socioculturais, históricos e linguísticos. Para realizar estudos sobre essa identidade, faz-se necessário um profícuo diálogo entre alguns campos do saber, ou seja, estabelece-se intersecções entre os estudos linguísticos, os quais contemplam a relação entre língua, sujeito e História, além dos estudos de gênero e de raça. Essas intersecções possibilitam a reflexão sobre a importância da linguagem no tocante à construção e à manutenção da identidade do sujeito gaúcho.

Os apontamentos teóricos sobre a construção social desse sujeito, bem como a análise da palavra *gaúcho* indicam como esta passou por um processo de trajetória semântica, conforme refleti neste texto, pois retoma uma memória acerca do passado da sociedade sul-rio-grandense, assim como saberes produzidos a partir do século XIX sobre o gaúcho enquanto tipo social. Esses saberes se significam nas definições de verbetes que são registrados por dicionários de cunho regionalista. A *linguagem gauchesca* registrada em obras literárias, vocabulários e dicionários, tais como *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, configuram um modo eficiente de efetuar a manutenção da memória de um “passado glorioso” do Rio Grande do Sul e da identidade gaúcha.

Ainda sobre as análises apresentadas neste trabalho, estas evidenciam o seguinte: *china* e *morocha* são palavras/verbetes constituídos por construções sociais de gênero e de raça. Enquanto as definições de *gaúcho* exaltam suas qualidades, como a virilidade e a coragem, os verbetes *china* e *morocha* são definidos de forma mais breve. Ao analisar essas definições, constato que ambos os sujeitos se encontram em uma posição inferiorizada. *China* traz a questão das mulheres indígenas no estado, enquanto *morocha* remete à história das mulheres negras. Ambas, indígenas e negras, são exemplos de mulheres socialmente marginalizadas, submetidas à violência e cujos corpos foram sexualizados no decorrer da História.

Os dois verbetes têm origem no espanhol platino, o que retoma a questão do contato entre a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola. Quanto às fronteiras com Argentina e Uruguai, reafirmo a importância destas na formação da identidade gaúcha. Mais que limites geográficos e divisores de territórios, as fronteiras exercem uma influência direta e significativa na identidade dos sujeitos sul-rio-grandenses, pois trata-se de um espaço de intensa troca cultural e linguística. Ao longo de séculos, o contato do gaúcho brasileiro com argentinos e uruguaios, bem como com a Língua Espanhola, refletiu em suas práticas socioculturais e em sua linguagem.

O *gaúcho*, a *china* e a *morocha* são sujeitos que habitam o Rio Grande do Sul, cujas identidades são fortemente atravessadas pelas fronteiras. Essas linhas divisórias, ao mesmo tempo que separam o estado dos países platinos, fomentam um prolífero intercâmbio de práticas,

histórias, culturas e línguas. Nesse contexto, emerge um campo fértil e aberto a novas pesquisas, no qual as fronteiras surpreendem de forma positiva cada vez que a investigamos mais profundamente. A respeito das práticas socioculturais e das palavras engendradas pelas regiões fronteiriças, ambas nos contam histórias, histórias passíveis de múltiplas interpretações sob a ótica da Linguística e da História.

Referências:

- Auroux, S. (2014). *A revolução tecnológica da gramatização* (E. Orlandi, Trad.). Editora da Unicamp.
- Benveniste, É. (2005). *Problemas de linguística geral I* (M. G. Novak & M. L. Neri, Trans.). Pontes Editores.
- Brum, C. K. (2010). Indumentária gaúcha: Uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das pilchas. In R. G. Oliven, M. E. Maciel, & C. K. Brum (Eds.), *Expressões da cultura gaúcha* (pp. 65–96). Ed. da UFSM.
- Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: Feminismos e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira.
- Callage, R. (1928). *Vocabulário gaúcho*. Livraria do Globo.
- Chaves, F. L. (2010). O gaúcho e a literatura. In R. G. Oliven, M. E. Maciel, & C. K. Brum (Orgs.), *Expressões da cultura gaúcha* (pp. 39–48). Ed. da UFSM.
- Cortes, J. C. P. (1994). *Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista*. Evangraf.
- Echevarria, F. R. (2022). *As palavras e a enunciação: A china, a machorra e a morocha no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, RS). UFSM.
- Flores, M. (2019). *História do Rio Grande do Sul* (10. ed., rev. ampl.). Martins Livreiro Editora.
- Flores, V. et al. (2022). *Dicionário de linguística da enunciação*. Contexto.
- Drexler, J. (1999). *Frontera* [Faixa 3]. Warner Chappell Music, Inc. <https://www.youtube.com/watch?v=nA4jPF8VsTs>
- Guimarães, E. (2005). *Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação* (2. ed.). Pontes Editores.
- Guimarães, E. (2018). *Semântica: Enunciação e sentido*. Pontes Editores.
- Hartmann, L. (2011). Sou da fronteira: Narrativas orais e dinâmicas identitárias entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Anuário Antropológico*, 36(1), 187–213. <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/7010/7221>
- Laytano, D. (1981). *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades.
- Leal, O. F. (2021). *Os gaúchos: Cultura e identidades masculinas no pampa*. Tomo Editorial.
- Leenhardt, J. (2002). Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In M. H. Martins (Ed.), *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina* (pp. 27–34). Ateliê Editorial.

- Louro, G. L. (1999). *Sexualidade, gênero e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.
- Luco, A. (2001). El sexo imaginário. In J. Olavarría (Ed.), *Hombres: Identidad/es y violencia* (pp. 85–90). FLACSO-Chile.
- Meyer, A. (1960). *Prosa dos pagos*. São José.
- Munanga, K. (2020). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (5. ed., rev. amp.). Autêntica.
- Nolasco, S. (1993). *O mito da masculinidade*. Rocco.
- Novaes, J. V. (2013). Aqui tem homem de verdade? Violência, força e virilidade nas arenas de MMA. In M. Del Priore & M. Amantino (Orgs.), *A história dos homens no Brasil* (pp. 359–410). Unesp.
- Nunes, J. H. (2006). Sobre a noção de dicionário popular. *Estudos Linguísticos*, XXXV, 1028–1032.
- Nunes, Z. C., & Nunes, R. N. (1996). *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Martins Livreiro.
- Oliven, R. G. (2006). *A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil-nação*. Vozes.
- Oliven, R. G. (2010). Rio Grande do Sul: Um só estado, várias culturas. In R. G. Oliven, M. E. Maciel, & C. K. Brum (Eds.), *Expressões da cultura gaúcha* (pp. 15–37). Ed. da UFSM.
- Petri, V. (2012). Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: A especificidade do dicionário regionalista. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 29, 23–37.
- Petri, V. (2009). Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 23/24, 23–37.
- Piscitelli, A. (2013). *Trânsitos: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. EdUERJ.
- Reichelt, H. R. (2019). *Xucrismo, bagualogia e tradição “a grosso modo”*: (Re)configuração dos espaços de experiência musical gauchesca (Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói).
- Rodrigues, L. F. (2021). *Práticas e políticas linguísticas no Alto Solimões: Plurilinguismo, formação de professores na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis).
- Silva, L. R. (2018). Não me chame de mulata: Uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 57, 71–88. <https://www.scielo.br/j/tla/a/JZjt3cFmJfPws34Yxx84HHQ/?format=pdf&lang=pt>
- Sturza, E. R. (2006a). *Línguas de fronteira e política de línguas: Uma história das ideias linguísticas* (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas).
- Sturza, E. R. (2019). Portunhol: A intercompreensão em uma língua da fronteira. *Revista Iberoamericana de Educación*, 81(1), 97–113. <https://rieoei.org/RIE/article/download/3568/4055/>
- Sturza, E. R. (2006b). Vocabulário sul-rio-grandense: De instrumento linguístico à constituição de um discurso fundador. In *Letras e Instrumentos Linguísticos* (pp. 101–121). Universidade Estadual de Campinas / Pontes Editores.

Sturza, E. R., & Bratz, M. E. (2024). Comunicação transfronteira: Portunhol, uma língua de intercompreensão. *Temas & Matizes*, 17(30), 86–103. <https://saber.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/32498>

Tatsch, J. (2013). Estudo enunciativo da designação da expressão “Linguajar Gaúcho” na obra de Dante de Laytano: Reflexão sobre a noção de acontecimento. *Web-Revista Sociodialeto*. (pp. 206-221). [S. l.], v. 4.

Notas

¹ Minha tese de doutorado intitulada *As palavras e a enunciação: a china, a machorra e a morocha no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (2022) pode ser acessada no link: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/27402/TES_PPGLTRAS_2022_ECHEVARRIA_FELIPE.pdf?sequence=1&isAllowed=y

² Embora os irmãos Nunes não mencionem a etimologia da palavra *morocha*, Roque Callage o fez em *Vocabulário gaúcho* (1928, p. 312, grifos do autor): “*s. morena*, a moça camponesa. É um dos termos platinos enraizados no Rio Grande do Sul”.